



A ESTRUTURA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

Esperança Machado Sardinha¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo pesquisar sobre a história e a estrutura administrativa das organizações que representam o futebol feminino no Brasil e no mundo. Bem como a representatividade da mulher na sociedade e sua relação com o esporte em questão. Para tanto se realizou uma pesquisa bibliográfica sobre o futebol feminino relacionando-o com o papel da mulher na sociedade. A pesquisa enfim mostrou uma boa representatividade da mulher no futebol, apesar de ser consideravelmente desconhecido com relação às abordagens deste trabalho.

Palavras chave: Futebol. Futebol feminino. Organizações de futebol. Mulher e sociedade. Mulher e esporte.

ABSTRACT

This study aims to research the history and administrative structure of the organizations that represent women's football in Brazil and worldwide. As well as the representation of women in society and its relationship with the Sport in question. To this end we carried out a literature search on women's football by relating it to the role of women in society. The research finally showed a good representation of women in football. Despite being considerably unknown when we consider the approaches of this study.

Key words: Football. Women's football. Football organizations. Women and society. Women and sport.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho irá abordar as condições em que se encontra futebol feminino atualmente no Brasil. Pretende-se relacionar esta estrutura à sua popularidade no país. Observar quais são as entidades que o regulamentam, apóiam e organizam. Bem como estabelecer comparativos com o futebol masculino. Esperamos assim, criar uma cultura ao futebol feminino, como é cultuado o masculino no Brasil e afastar possibilidades de manifestações preconceituosas.

Para tanto analisaremos a história do futebol feminino, estrutura administrativa das instituições que o regem, o entendimento e aceitação social acerca dele e por fim a relação social que a figura feminina estabelece com este esporte, a relação homem-mulher na cultura brasileira.

ORGANIZAÇÕES ESPORTIVAS RELACIONADAS AO FUTEBOL FEMININO. CONFEDERAÇÕES E FEDERAÇÕES

Atualmente há algumas organizações que regulamentam, organizam e dão suporte para o futebol no Brasil e no mundo. Uma dessas organizações, talvez a mais famosa, é a FIFA e segundo seu Estatuto (2009), esta organização tem como principal objetivo organizar suas próprias competições internacionais e desenvolver o futebol em todo o mundo, conferindo, ampliando e unificando os valores culturais, sociais, educacionais e humanitários através do

desenvolvimento de seus programas. Além de preservar a integridade dos jogadores e reputação do futebol e suas competições, controlando qualquer associação de futebol que tome medidas que infrinjam os seus estatutos. Ela ainda é contra o racismo e pune atos racistas dentro de suas competições e daquilo que tange seus estatutos, pois prega relações amigáveis (FIFA, 2009).

Cada país pode ter uma associação ligada e regulamentada na FIFA. Essas associações podem ter representantes no congresso, sugerir novas propostas para serem incluídas na agenda do congresso, indicar candidatos à presidência e participar das competições internacionais e programas internacionais de desenvolvimento do futebol, cultura e aspectos humanitários, culturais e sociais. Por outro lado é necessário o total cumprimento das leis que regem a FIFA e criar uma comissão de árbitros diretamente subordinados ao membro (FIFA, 2009, p. 13).

Bem como estas atribuições citadas, seus direitos e deveres, essas confederações podem também organizar seus próprios campeonatos.

A FIFA ainda possui um comitê específico para a organização das copas do mundo de futebol feminino profissional e para as copas do mundo de futebol feminino sub-20 e sub-17, os quais devem cumprir com os acordos com as associações organizadoras, bem como as regras do jogo e regulamento do campeonato. E também comitês para cada competição por ela organizada (FIFA, 2009, p.34).

No entanto, antes mesmo da criação da FIFA, havia outra entidade chamada IFAB, “*International Football Association Board*”, fundada em 1882, que regulamenta as regras do futebol, aprova leis do esporte e ainda elabora e propõe regras complementares ao futebol. Com o passar dos anos e o surgimento da FIFA, esta incorporou as regras já determinadas pela IFAB (FIFA, 2009, p.29).

Em se tratando de Brasil e países da América do Sul, a organização que representa e regulamenta o futebol é a CONMEBOL (Confederación Sudamericana de Fútbol), única confederação da América do Sul filiada à FIFA. Fundada em 1.916, tem sede em Luque, grande Assunção, na República do Paraguai. Segue todas as premissas da FIFA e só admite federações de países também filiadas à FIFA (CONMEBOL, 2000, p.2).

Com relação ao futebol feminino a confederação sul-americana possui uma comissão específica para tratar dos assuntos referentes às mulheres no futebol, que tem por objetivo criar campeonatos, assegurar a disciplina no jogo e respeito às suas regras (CONMEBOL, 2000, p.6).

A CBF (Confederação Brasileira de Futebol), neste formato que se apresenta hoje foi fundada em 1979, anteriormente representava-se pela CBD, Confederação Brasileira de Desportos, fundada em 1919, é a responsável por essa organização do futebol no Brasil.

Atualmente são 26 federações estaduais registradas. Dos estados brasileiros, somente Roraima não possui seu futebol regulamentado, não possui uma federação de futebol ligada à CBF (CBF, 2010).

Destas 26 federações registradas na CBF, nem todas mostram referências ao futebol feminino. Somente 16 delas, apresentam em seus respectivos websites referências ao futebol feminino, como campeonatos e notícias acerca deste. No Brasil ainda temos um outro órgão que colabora para a organização do futebol, assim como outras modalidades olímpicas, que é o COB, Comitê Olímpico Brasileiro.

O COB mostra uma grande preocupação em relação ao desenvolvimento do esporte olímpico no Brasil. Disponibiliza em biblioteca on line, artigos e arquivos sobre as modalidades esportivas que dá suporte, inclusive o futebol feminino, que atualmente tem mostrado um crescimento muito grande no cenário Olímpico (COB, 2010).

Então, podemos considerar responsáveis pelo futebol feminino: FIFA, CONMEBOL, CBF e federações estaduais respectivamente, representam uma hierarquia. Paralelamente, ainda temos o COB, que também colabora para a regulamentação e desenvolvimento deste esporte, que é desde 1900 (para os homens) e 1996 (para as mulheres) participantes dos jogos Olímpicos.

Além de todas estas organizações, o Brasil ainda dispõe de órgãos governamentais que auxiliam e dão suporte ao esporte nacional. O ministério dos esportes é um destes e bem como buscar recursos para o esporte de alto rendimento, também trabalha em prol dos seus projetos de cunho social e para garantir à população o direito à prática esportiva (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2010).

Como uma subjunção do ministério, que desde 2003 é exclusivo para esportes, há a Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento e a ela compete captar recursos financeiros, humanos, materiais e físicos para o desenvolvimento dos esportes de alto rendimento e seus programas, bem como a proposição de novas possibilidades e novos programas que possam contribuir de alguma forma para este crescimento (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2010).

Como vemos, é de cunho governamental a captação de recursos para a consecução destes projetos e para o futebol feminino não é diferente, uma vez que ele se inclui neste leque de esportes competitivos e por isso merece atenção do ministério. Apesar de dispor de inúmeras

instituições apoiando e regulamentando o futebol, os recursos do governo são fundamentais, ou pelo menos o seu apoio, dispondo de materiais e espaço físico para a prática deste esporte. E o Ministério é do Esporte, deve distribuir seu capital e o que mais tiver para todos os esportes, o que nos remete ao problema do pequeno número de equipes de futebol feminino e campeonatos no Brasil, os recursos são escassos, pois esta modalidade não é uma prioridade, sua popularidade ainda não é suficiente para demandar maiores investimentos.

Na lista de obrigações da Secretaria Nacional do Esporte de Alto Rendimento citou-se o CNE, Conselho Nacional do Esporte, diretamente ligado ao Ministério e tem por objetivo criar meios para se massificar, de forma organizada, planejada e com melhores condições de prática, a modalidade esportiva desejada (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2010).

O CNE, portanto, é o órgão que deve dar bases ao crescimento do futebol feminino neste país, é nele que os clubes e times femininos devem se apegar para que haja uma popularização, para que todos tomem conhecimento desta modalidade, quebrar paradigmas de que a mulher e a menina não podem praticar futebol. Desta forma, bem como os meninos, as meninas começariam cedo a desenvolver habilidades com a bola nos pés.

Estes dispositivos do governo oferecem então uma série de programas para a melhoria do esporte de alto rendimento no Brasil, como por exemplo, a “Descoberta de talento esportivo” e o “Bolsa atleta”. E por mais que sejam desconhecidos e também não se saiba da inclusão do futebol feminino neles, as meninas estão sim inclusas neles, principalmente após os bons resultados obtidos pelas seleções de base e principal feminina a partir das Olimpíadas de Atenas em 2004.

Temos ainda as repartições estaduais e municipais que colaboram para a melhoria do esporte. A secretaria de Esporte, Lazer e Turismo do Estado de São Paulo, por exemplo, tem certa supremacia com relação à descoberta de talentos esportivos. Pois tem como função articular-se para o desenvolvimento esportivo no Estado e, portanto possui seus programas de desenvolvimento, como: Bolsa Talento Esportivo; Conjuntos Desportivos; Entidades Esportivas; Lei Paulista de Incentivo ao Esporte; Programa São Paulo Olímpico; SP Potência Esportiva; Virada Esportiva do Interior; dentre outros (SELT, 2010).

No interior de São Paulo, e dos demais Estados, há os Jogos Regionais, que garantem vaga para os Jogos Abertos do interior, que têm grande importância para o futebol feminino, pois como veremos, são pouquíssimos campeonatos para as futebolistas. Desta forma, são destes campeonatos que as equipes femininas participam. São campeonatos representativos para o futebol feminino, principalmente no Estado de São Paulo, onde estão as equipes de maior

expressão: Santos e Botucatu, se tomarmos por base as últimas campeãs da Copa do Brasil Feminina e da primeira Copa Libertadores de futebol feminino.

A MULHER E O FUTEBOL

Atualmente, para aqueles que realmente gostam e acompanham o futebol feminino no Brasil e no mundo, sabem que há uma grande diferença entre países europeus, Estados Unidos e Brasil relacionados à organização do futebol feminino, assim como há uma diferença muito grande se comparado ao futebol masculino, principalmente no Brasil.

Os meios de comunicação o veiculam muito pouco, enquanto que os homens aparecem quase todos os dias nos jornais, revistas e telejornais; seus jogos são televisionados periodicamente, são até dois jogos dos campeonatos nacionais, estaduais e até internacionais durante a semana na TV aberta, se falarmos das TVs por assinatura há inclusive a possibilidade de se comprar todos os jogos de um determinado campeonato. Enquanto que os jogos do campeonato Paulista de futebol feminino, Copa do Brasil feminina, por exemplo, ficam relegados aos horários de pouco ibope e às vezes televisionados por emissoras de menor expressão, pois as grandes não demonstram muito interesse em transmiti-los.

Raras vezes saem notas acerca das meninas que praticam futebol no Brasil, dos campeonatos femininos que acontecem pelo país e pelo mundo. Salvo algumas exceções, como por exemplo, o feito conquistado pela jogadora Marta, alagoana de 24 anos, que ganhou o título de melhor jogadora do mundo, eleita pela FIFA quatro vezes consecutivas (2006 – 2009), feito inédito, pois nenhuma outra jogadora fora eleita tantas vezes a melhor do mundo; ou então a medalha inédita, de prata nas Olimpíadas de Atenas em 2004, até então as brasileiras nunca tinham alcançado um pódio olímpico.

São alguns pontos marcantes ao longo da história das mulheres no futebol ressaltados pela mídia. Talvez não fossem dois grandes nomes, Marta e René Simões, as mulheres continuariam esquecidas neste esporte, bem como em muitos outros setores da sociedade ao longo de toda a história.

Marta é uma grande jogadora, que despertou em todos, inclusive nos mais machistas e dos que não apreciam o futebol, a vontade de vê-la jogar defendendo a seleção nacional e recentemente o Santos, equipe brasileira que representou nos campeonatos nacionais e sulamericanos durante o ano de 2009.

Segundo Ballaryni (1940) não é que os homens e a sociedade sejam preconceituosos, nem machistas e já no séc. XIX coloca:

Não negamos à mulher os mesmos direitos concedidos ao homem, porém não compreendemos que a mulher interprete essa igualdade procurando imitá-lo física, moral e intelectualmente, testemunhando desta maneira uma superioridade inexistente. Sim, porque só almejamos igualar o que nos supera. Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino. (BALLARYNI, 1940)

Sendo assim nota-se que a questão de exclusão da mulher em alguns esportes, como no caso do futebol, não é somente machismo da forma pejorativa que colocamos algumas vezes, mas sim um aspecto sócio cultural e até mesmo histórico. Nossa sociedade é patriarcal e segundo os conceitos de uma sociedade assim, o homem é que deve prover a família, garantir sua proteção e perpetuação. Portanto torna-se compreensivo, quando lemos uma citação como esta ou vemos proibições mais rígidas para com as mulheres. Não é que esteja sendo negada a igualdade, mas pretende-se proteger, poupar a figura feminina.

Apesar disso tivemos um grande técnico, René Simões, que foi responsável pelo primeiro pódio olímpico das meninas do futebol, em Atenas, 2004. Indo contra todas estas premissas, sendo um pouco chocante talvez, mas eficiente e da forma mais sutil deu-lhes a tão almejada igualdade. Tratou-as como atletas, respeitando aspectos femininos, mas cobrando tanto quanto se cobra dos homens. Realizou amistosos, inclusive com as categorias de base da seleção masculina. Foi um grande inovador e precursor do sucesso que elas vêm tendo.

Entretanto, deve-se considerar que no Brasil, as instituições que regulamentam e direcionam o futebol e os clubes não oferecem uma estrutura organizacional adequada à prática do futebol feminino, não há incentivos estruturais e financeiros, o que faz com que haja um número pequeno de adeptas a esta prática, dispostas a investir numa carreira, poucas pessoas acompanhando a modalidade e faz de pessoas como René, figuras ilustres neste cenário.

Para exemplificarmos estas diferenças, discriminatórias, talvez, observamos os rendimentos dos dois melhores jogadores do mundo em 2008. Marta recebeu em torno de 1,8 milhões durante o ano e Cristiano Ronaldo faturou cerca de 35,6 milhões durante o mesmo período. (RIBEIRO et al, 2010)

Os países europeus e Estados Unidos, ao contrário do Brasil, tratam o futebol feminino de forma muito mais profissional e organizada. Há uma visibilidade muito maior, conseqüentemente, com um número de praticantes e torcedoras elevado. O que, se traduzido em números, representa um retorno financeiro maior aos clubes e estas instituições que atendem ao futebol.

De acordo com as estatísticas, são mais de 30 milhões de mulheres jogando futebol ao redor do mundo, dados estes que dobraram nos últimos 10 anos. (RADNEDGE, 2009, p. 232). Os primeiros registros sobre o futebol feminino datam do início do séc. XIX na Inglaterra, mas ele teria sofrido retaliações e sua proibição pela Football Association em 1921. Mesmo assim, surge uma associação feminina independente, com competição própria e a partir de então o futebol feminino passou a crescer inclusive em outros lugares do mundo, como China e EUA. (RADNEDGE, 2009, p. 232)

Tendo em vista este cenário, a FIFA passa a se mobilizar: em 1991 ocorre a primeira Copa do Mundo feminina; em 1996, o futebol feminino já reconhecido como esporte olímpico, tem sua primeira participação em Olimpíadas; em 2002 acontece o primeiro campeonato sub-19 para mulheres (posteriormente este viria a ser sub-20); e em 2008 adiciona-se ao calendário da FIFA o primeiro torneio sub-17 para as meninas. (RADNEDGE, 2009, p. 232).

A história do futebol feminino é recente, “elas” vêm vencendo barreiras e ganhando seu espaço, derrubando obstáculos, às vezes, criados por elas mesmas. As mulheres travaram ao longo da história uma luta pela igualdade perante os paradigmas e para alguns, o machismo de uma sociedade.

Desde pequenas são desencorajadas ou mesmo proibidas de praticar atividades, brincadeiras mais agressivas e leves, como por exemplo, jogar bola na rua, soltar pipa, etc. Enquanto os meninos são encorajados a elas (RMERO, 1994 apud DARIDO, 2002).

Segundo Morel e Salles (2006) além da falta de equipes específicas de futsal, futebol society e futebol de campo, alguns fatores sócio históricos também colaboram para a primitividade do futebol feminino no Brasil. O primeiro deles é a idéia de que a prática por mulheres era nociva à saúde, idéias vindas da teoria higienista, que dizia que a maternidade da mulher deveria ser preservada. Outro aspecto é a falta de estudos fisiológicos sobre a mulher e os valores sexistas, que ainda hoje estão embutidos na sociedade, quando se referem ao comportamento e à conduta da mulher.

Este esporte era considerado anti-higiênico para a prática feminina, uma vez que o contato físico e violência por ele proporcionados eram incompatíveis com a delicadeza da mulher e esta figura materna. (BALLARYNI, 1940 apud. VASQUES et al, 2010).

Havia uma vasta interferência da medicina nestas questões de gênero, pois estereotipava a mulher como esta figura de mãe, genitora de um futuro saudável. Então, utilizava a educação física como meio de alcançá-lo, o que se refletia nos esportes, inclusive neste que é o tema central do estudo, o futebol. (PACHECO, 1998 apud. RIBEIRO et al, 2010).

Para o presidente da FIFA, Joseph Blatter, o futuro do futebol é feminino. Sendo assim merece uma atenção diferenciada. Apesar de problemas sócio-culturais atravancarem o desenvolvimento do futebol no Brasil, o número de mulheres praticantes continua crescendo e merece uma atenção científica maior. (KIRKENDAL, 2003).

O jogo de futebol feminino apresenta muitas diferenças em relação ao masculino. As mulheres ficam um pouco atrás se comparados alguns dados de desempenho, mas isto tem explicação e é bastante plausível.

As mulheres apresentam uma reduzida massa muscular, bem como um volume cardíaco e níveis de hemoglobinas menores quando comparadas aos homens. Conseqüentemente as atletas percorrem distâncias menores num volume de corrida inferior. (KIRKENDALL apud. BARROS e GUERRA, 2004, p. 222).

Apesar disso, faz-se uma observação interessante quando comparamos seus jogos: as mulheres atacam mais a defesa assim que perdem a bola. (KIRKENDALL apud. BARROS e GUERRA, 2004, p. 238)

Os dados colhidos e comparados são em jogos onde as dimensões do campo e a duração dos jogos são os mesmos para homens e mulheres. Portanto, tornam-se questionáveis estas diferenças e se não seria importante e determinante a adequação das dimensões e tempo para o futebol feminino.

Estes são motivos a se refletir quando os dados femininos apresentados são inferiores aos masculinos e afastar a idéia de que as diferenças biológicas reforçam a inferioridade na performance físico-desportiva e rotulam as praticantes como anormais. (FESTLE, 1996 apud FERREIRA et al, 2010)

Morel e Salles (2006) apontam aspectos, como a mídia, a comparação entre o rendimento masculino e feminino, o perfil masculinizado que as principais atletas de 1980 e 1990

apresentavam e as dimensões do jogo (o campo, as traves, a bola, o tempo de jogo, etc.) como possíveis determinantes da situação em que vemos o futebol feminino hoje.

De acordo com os estudos de Goellner (2005) as mulheres passam a ganhar espaço nos esportes somente em meados do séc. XX, quando a elas é conferido o direito de participar dos jogos olímpicos modernos e mesmo assim só puderam participar da sua segunda edição.

As mulheres estavam ganhando seu espaço, mas ainda existiam pessoas que não concordavam com estas mudanças, acreditavam que a mulher deveria se preservar e evitar a vulgarização dos jogos, pois este era um evento essencialmente masculino. Outros diziam que elas poderiam participar sim, no entanto, como meras espectadoras (GOELLNER, 2005).

Para Tamburini (2001) os homens sempre foram vistos na figura de guerreiros e as mulheres como figuras passivas. Isto colabora para justificar a resistência à inserção da mulher no mundo esportivo. Tanto é que na Grécia Antiga sua participação era proibida. (COI, 1990 apud. SIMÕES, 2003, p.155)

Proibição esta reforçada pelo grande defensor da idéia de vulgarização do ambiente olímpico e esportivo, o barão Pierre de Coubertin, que dizia que a função das mulheres nos jogos era apenas de coroar os vencedores. Elas poderiam sim ser espectadoras e dizia:

Tecnicamente as jogadoras de futebol ou as pugilistas que se tentou exibir aqui e ali não apresentavam interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; e assim os que se reúnem para vê-las obedecem a preocupações de outra espécie. E por isso trabalham para a corrupção do esporte, aliás, para o levantamento da moral geral. Se os esportes femininos forem cuidadosamente expurgados do elemento espetáculo, não há razão alguma para condená-los. Ver-se-á, então o que deles resulta. Talvez as mulheres compreendam logo que esta tentativa não é proveitosa nem para seu encanto, nem mesmo para sua saúde. De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir inteligentemente a educação física dos seus filhos.

(COUBERTIN, 1938, p. 46 apud. GOELLNER, 2006)

Esta citação nos remete mais uma vez ao aspecto patriarcal que nossa sociedade apresenta. O autor coloca que as mulheres devem sim sentir prazer pelo esporte, mas por aquele que seus maridos praticam, acreditando que assim estaria poupando-as e mantendo todo seu encanto de mulher.

Pfister (2006) completa que o papel desempenhado pela mulher nos esportes, principalmente com relação aos jogos olímpicos cresceu gradativamente, podendo participar em uma modalidade na 1ª edição que participaram, depois duas e assim por diante.

Desde os primórdios da sociedade, são consideradas o sexo frágil, inaptas ou que não deveriam se expor a atividades que exijam sua força física. O que também se reflete no âmbito esportivo e o futebol talvez seja o maior exemplo disto no Brasil, pois sua popularidade é imensa neste país.

É muito comum surgirem comentários comparando homens e mulheres. Quando surge uma menina que joga muito bem ou mesmo que não jogue tão bem, mas se destaca das demais em um ambiente escolar, por exemplo, ouvem-se frases como: “ela parece um moleque jogando”; “ela joga melhor que um menino”; ou ainda “essa menina chuta mais forte que os meninos”; colocações que podem não soar preconceituosas, mas denotam sim todo o preconceito embutido nesta sociedade, pois inclusive as mulheres, vítimas desta situação, acabam dizendo coisas como estas acima citadas e inconscientemente reforçando estes atos discriminatórios.

Sob este olhar de diferenciação de gênero, Goellner (2005) fala da masculinização da mulher quando relacionada à prática do futebol, o que neutralizava a feminilidade da mulher, sempre ligada à maternidade e lembra que no início do séc. XX as mulheres passaram a cultuar o corpo, fortalecê-lo, mas isto era para que tivessem condições de conduzir uma boa gestação e formar filhos fortes. “As mães fortes são as que fazem povos fortes”. (THARDIÈRE, 1940, p. 40 apud. GOELLNER).

Apesar destas idéias o futebol, assim como algumas outras modalidades, como as lutas, era vetado às mulheres, considerados nocivos à maternidade, ou melhor, à conformação do corpo feminino (GOELLNER, 2005).

Neste período, meados do séc. XX ocorre o surgimento de muitas entidades ligadas à prática esportiva, o que fomenta a busca da prática de atividades físicas pelas mulheres. Isto ainda culmina com a ascendência da figura feminina em diversos segmentos. Entretanto, quando o assunto são exercícios físicos, remete-se ao desnudamento do corpo, a utilização de roupas leves e que valorizem as formas corporais, o apelo estético, enfim, a espetacularização do corpo feminino.

Goellner (2005) explica que havia um temor das famílias de que esta crescente participação, introdução da mulher em ambientes e eventos antes considerados masculinos, se confundisse com desonra e prostituição.

É interessante neste momento o conflito ideológico que se estabelece. A crítica à indolência se opõe às restrições à mulher. Ao mesmo tempo em que a prática era incentivada, o futebol era proibido (GOELLNER, 2005).

Há um registro da mídia em 1940, que fala das mulheres que jogavam futebol. O artigo em questão diz que as mulheres se organizam para a prática deste esporte em um clube do subúrbio do Rio de Janeiro e não deixam a desejar nada em comparação aos homens, o que fora muito bem explorado pela imprensa, e cresce a popularidade desta modalidade. (LOYOLA, 1940, p. 41 apud. GOELLNER, 2005).

Mesmo contando com registros como este acima citado, em 1965 o Conselho Nacional de Desporto aprovou a deliberação nº 7, que no artigo 2 não permitia a prática de lutas, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rugby, halterofilismo e baseball. (GOELLNER, 2005).

Muitas mulheres aderiram à prática do futebol neste período, mesmo com toda a proibição e estigma que cercava o corpo da mulher e a possível criação de uma prole saudável. Esta emancipação da figura feminina era considerada uma transgressão frente à ideologia da sociedade na época (AZEVEDO, 1920, p.10 apud. GOELLNER, 2005).

Em meados da década de 80 surgem diversos times de futebol feminino, muitos clubes criam suas equipes de mulheres, entretanto, a imagem da mulher continua desvinculada do esporte em si. Sua figura e os jogos se tornam materiais de um espetáculo, onde as formas corporais, a beleza, graciosidade e principalmente a sensualidade é que são colocados em questão (GOELLNER, 2005).

Esta espetacularização chega ao ponto de a Federação Paulista organizar um campeonato em que era regra cumprir algumas condições estéticas, logo, atletas que tinham o cabelo raspado, por exemplo, não puderam participar. Sua intenção era ter literalmente um campeonato bom e bonito (KNIJNIK & VASCONCELLOS, 2003, p. 5 apud. GOELLNER, 2005).

A ideia de sensualidade da mulher que joga futebol permanece até os dias de hoje, tanto é que após as Olimpíadas de 1996 é publicada na revista veja uma reportagem intitulada “Flores do campo”, que aborda justamente esta temática, de que os clubes não estavam buscando

somente as meninas que sabiam jogar, mas também transmitissem uma boa imagem, que fossem bonitas. Isto se atrela a idéia de atração do público para os estádios se as moças também fossem atraentes (GOELLNER, 2005).

A partir de argumentos como os anteriormente citados, constrói-se uma representação essencialista a respeito de gêneros. Segundo esta, cada gênero possui características próprias. Entretanto há outra concepção de que o gênero é uma construção social. Desta maneira compreende-se que a masculinização do futebol parta desta construção essencialista do gênero e por isso existem limites, que a sociedade estabelece para a prática do futebol feminino, limites estes, que passam pela idéia de sensualidade e beleza das praticantes (GOELLNER, 2005).

Segundo Goelner (2005) o jornal mineiro “Hoje em dia” coloca muito bem esta espetacularização e essencialização da mulher no trecho de uma publicação de 1990.

Cariocas conquistam os mineiros – Elas driblam, matam a bola no peito, caem, se machucam, mas não se esquecem do lado feminino. Assim é o time de futebol de salão do Country/ Poquet, do Rio de Janeiro, formado por garotas bonitas e boas de bola.

Sem perder a pose de atletas, elas entram em quadra “produzidas”, ouvindo logo um comentário: “Bonitas desse jeito, será que elas jogam futebol?”. (MOURÃO e MOREL, 2005, p.81 apud. GOELLNER, 2005)

É notório o estranhamento de alguns e o questionamento sobre a orientação sexual das jogadoras, o que não acontece com os homens, neste caso, essa questão é levantada em um segundo momento e não de imediato, como ocorre com as moças. Em um artigo publicado por Cardoso (2000) na revista VEJA a atacante Sissi, que foi eleita a 2ª melhor jogadora da copa do mundo de 1999 e artilheira da competição, se expressa assim: “Sexualidade é coisa íntima sobre a qual não tenho que dar satisfação”.

Sissi tem certa razão ao expressar-se desta maneira, pois remete ao que o trabalho discute: este conflito de gênero, os espaços que as mulheres vêm galgando em esportes ditos masculinos e o que isto vem acarretando a níveis de estereótipos, preconceitos, etc.

Quando falamos de futebol feminino, muito pouco se sabe sobre o Brasil e a estrutura oferecida pelo país, o que é intrigante, pois este é o país do futebol, de onde saem grandes craques, jogadores fenomenais. No entanto, dados da CBF mostram que são apenas 400 mil

mulheres jogando futebol para 12 milhões de homens praticantes, é uma diferença gritante (FRANZINI, 2005).

Na sociedade brasileira o grande entrave para a evolução do futebol feminino é a questão sócio-cultural, há um machismo exacerbado que, por incrível que pareça ainda empregam as relações sociais. E esta discriminação, não necessariamente, parte somente dos homens e demais indivíduos da sociedade, mas, por vezes, das próprias praticantes.

De fato as brasileiras não atingiram o sucesso que as européias, norte-americanas e chinesas tiveram com este esporte. Apesar de sua prática datar do início do séc. XX, seu progresso não ocorreu. Os registros mostram que a primeira partida entre moças, data de 1913 entre os times dos bairros da Cantareira e Tremembé em São Paulo, ou então em 1940 quando as meninas do São Paulo F.C. enfrentaram o América F.C. do Rio de Janeiro e somente em 1981 começam a surgir outras equipes femininas, como o Guarani F.C. (FRANZINI, 2005).

Baseado nestes dados nota-se que o futebol feminino brasileiro apresenta uma história um tanto quanto dispersa. Assim como as referências e as publicações são raras, vemos que isto é um reflexo do que se iniciou em meados do séc. XX.

De acordo com Ferreira, Salles, Sousa, Moreira e Zeferino (2010) o que também reforça o preconceito de gênero é o fato de que este é um esporte de intenso contato físico, além de tudo o que já foi dito com relação à crença e a criação do futebol para o público masculino.

Há uma barreira que as próprias mulheres criam, pois além de pertencerem a esta sociedade que discrimina as futebolistas, muitas delas acabam se vestindo e se comportando de maneira chocante para os olhos da sociedade, pois fogem daquilo que é convencional para os indivíduos do sexo feminino. Além disso, acabam vitimizando a si mesmas em algumas situações. E ainda assim, lentamente, este esporte vem ganhando mais adeptas e um maior prestígio, mesmo que o processo seja lento.

Cadavid e Castro (2001) afirmam que as mulheres desportistas estão cada vez mais se afirmando como sujeitos sociais, aumentando suas potencialidades para o desenvolvimento enquanto grupo social. Mas ao falarem do futebol feminino na Colômbia, dizem quem as mulheres ao aderirem a ele estavam se masculinizando e acabavam sendo taxadas de lésbicas e mulheres-machos.

O DESEMPENHO DO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO: O CENÁRIO ATUAL E SUAS DIFICULDADES.

Baseando-se na seleção brasileira de futebol feminino e no cenário futebolístico global, vemos que sua história não é muito longa, mas já há algumas conquistas. Segundo os registros da CBF, temos apenas um campeonato profissional para as meninas, a Copa do Brasil Feminina, que acontece desde 2007. Enquanto os homens desfrutam de cinco campeonatos nacionais profissionais, sendo eles: Campeonato Brasileiro Série A, Série B, Série C e Série D, e ainda a Copa do Brasil (CBF, 2010).

A Copa do Brasil é o único campeonato nacional que atende tanto o futebol masculino, quanto o futebol feminino, mas com histórias diferentes. A primeira edição masculina data de 1989. Já a feminina teve início em 2007, tendo por duas vezes uma equipe do estado de São Paulo, o Botucatu, campeã, apenas no ano de 2008, o Sport Club do Recife, time pernambucano, alcançou o título.

Além deste campeonato nacional, também há os estaduais, consideravelmente desconhecidos, mas regulamentados em suas respectivas federações. Os estados que têm campeonatos femininos são: Amapá, Alagoas, Amazonas, Ceará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia, Santo Catarina, São Paulo e Tocantins (CBF, 2010).

Bem diferente do futebol masculino, que tem ao menos duas vezes na semana seus jogos televisionados em horários nobres e por emissoras de grande representatividade; os campeonatos femininos ficam relegados às manhãs de sábado e domingo, transmitidos por emissoras de pouquíssima popularidade, como a Rede Família por exemplo. Ainda assim os jogos femininos televisionados, muitas vezes são do estado de São Paulo para todo o Brasil.

Guardadas as devidas proporções, é possível acompanhar os campeonatos femininos mundiais, como os que ocorrem nas Olimpíadas, Pan-Americanos e Sul-Americanos, que ganham atenção de grandes emissoras como a Rede Globo e Bandeirantes.

Este espaço galgado pelas futebolistas é merecido, pois apesar dos investimentos serem quase nulos, haja visto o número de campeonatos masculinos programados pela CBF, para apenas um feminino, as meninas já apresentam conquistas representativas em seu currículo.

A Copa do Mundo Feminina é uma competição organizada pela FIFA e ocorre desde 1991, quando teve como campeãs as norte-americanas, em segundo lugar as norueguesas, terceiro as suecas e em quarto as alemãs. Na edição de 1999 eis que surge o Brasil. A grande força do futebol masculino, tetra campeã em 1994, ganha destaque também com o futebol feminino, obtendo um bom terceiro lugar. Em 2003, as brasileiras não conseguem manter-se

entre as quatro grandes do mundo e o Canadá alcança o quarto lugar. Na última edição (2007) o Brasil ressurgiu ainda melhor, ganhando a medalha de prata (CBF, 2010).

Outros campeonatos mundiais que ocorrem são a Copa do Mundo Feminina sub-20 e sub-17, que existem desde 2002 e 2008 respectivamente, diferentes da Copa do Mundo de futebol feminino profissional, que ocorre a cada quatro anos, estas ocorrem de dois em dois anos (FIFA, 2010, p.8).

A Copa do Mundo Feminina sub-20 teve sua primeira edição em 2002. Desde então, a melhor participação brasileira foi em 2006 na Rússia, quando alcançou um terceiro lugar, no mais conseguiu apenas um quarto lugar nas edições de 2002 no Canadá e 2004 na Tailândia. Na Copa do Mundo Feminina sub-17, o Brasil ainda não obteve resultados significativos, pois esta competição está ocorrendo pela segunda vez neste ano de 2010 e no ano de 2008, as brasileiras sequer ficaram entre as quatro melhores (FIFA, 2010).

Além dos campeonatos FIFA, há os campeonatos do COI, Comitê Olímpico Internacional, no entanto, a FIFA é que se responsabiliza pela organização e andamento do futebol durante os eventos Olímpicos.

E são nos jogos Olímpicos que as brasileiras tem tido um melhor desempenho, pois desde a primeira vez em que o futebol feminino participou das Olimpíadas, nossa seleção esteve sempre entre as quatro melhores. Sendo quarto lugar em Atlanta 1996 e com uma de suas jogadoras, a Pretinha entre as artilheiras, em Sydney 2000 mais um quarto lugar, já em 2004 em Atenas e Pequim 2008, nossas atletas conseguiram um precioso segundo lugar e consagrou nas duas ocasiões a brasileira Cristiane como artilheira (COI, 2010).

Esta crescente de conquistas pelas meninas que representam o futebol feminino garantiu ao Brasil um status hegemônico na América do Sul, o Brasil figura-se em primeiro lugar. No ranking mundial sua posição cai um pouco, mas ainda permanece como a terceira melhor seleção feminina do mundo (FIFA, 2010).

Na América do Sul a CONMEBOL também organiza campeonatos femininos. Podemos destacar a Copa Libertadores de Futebol Feminino, competição na qual as equipes campeãs das dez associações nacionais da CONMEBOL, que ocorreu pela primeira vez em 2009 no Brasil, tendo como cidades anfitriãs, Santos, Guarujá e São Paulo. Nesta ocasião o time brasileiro Santos é que sagrou-se campeão.

Na primeira edição desta competição fica clara a supremacia brasileira na América do

Sul. O Santos F.C. ganhou todas as suas partidas até a final, que terminou com o placar de 9x0 a favor do time brasileiro contra a equipe Paraguai Universidad Autónoma e também teve suas atletas na lista de artilharia. Cristiane foi a maior goleadora com 15 gols, seguida de Marta, a também brasileira, que além de marcar sete gols, foi destaque como ótima jogadora, o que não é de se espantar, pois ela já havia ganhado seu quarto título de melhor jogadora do mundo (COMMEBOL, 2010).

Observa-se então, que o futebol feminino não fica em segundo plano somente no Brasil. Os resultados elásticos do Santos F.C. sobre as demais equipes sul americanas mostram que estes países também na dão grande importância ao futebol feminino.

A Confederação Sul americana de Futebol ainda proporciona os seguintes campeonatos: Sul americano Feminino de Futsal; Sul americano sub-20 de Futebol Feminino; e Sul americano sub-17 de Futebol Feminino.

O Sul americano sub-20 de Futebol Feminino teve sua primeira edição em 2004, quando o torneio ocorreu de forma regional e o Brasil sediou a fase final. Este é o primeiro campeonato feminino organizado pela CONMEBOL. Ocorre a cada 2 anos e o Brasil ganhou todas as edições até então. O Sul americano sub-17 de Futebol Feminino iniciou-se em 2008 e também ocorre de dois em dois anos. Neste caso o Brasil levou apenas o título em 2010, ficando com o segundo lugar em 2008. Ambos dão vaga para seus respectivos mundiais (COMMEBOL, 2010).

Como vimos anteriormente, algumas das federações associadas à CBF possuem campeonatos femininos, no entanto a que mais se destaca é a Federação Paulista de Futebol, pois se analisarmos as campeãs da Copa do Brasil são todas paulistas e se formos um pouco mais a fundo a equipe campeã sul americana também é do Estado de São Paulo, bem como até a última temporada o Campeonato Paulista de Futebol Feminino contava com atletas de grande representatividade no cenário mundial, como Marta, maior ganhadora do prêmio de melhor do mundo, por quatro vezes consecutivas e Cristiane, última artilheira das Olimpíadas de Pequim, apesar de a seleção brasileira ter ficado apenas com o segundo lugar.

O Paulista Feminino da primeira divisão, hoje chamado de Copa Kaiser de Futebol Feminino, ocorre desde 2007. Este campeonato talvez seja o de maior popularidade dentre os estaduais femininos, pois tem alguns de seus jogos televisionados em rede nacional. Em sua primeira edição teve mais uma vez o Santos F.C. campeão. Em 2008, o Botucatu é que leva o título e em 2009 o campeão se repete, desta vez com o Santos em segundo lugar (FIFA, 2010).

São Paulo teve ainda mais destaque com o futebol feminino sediando o Campeonato Internacional de Futebol Feminino em 2009, da qual o Brasil sagrou-se campeão, enfrentando equipes como Chile, México e China.

Sendo assim, pode-se considerar que o Brasil, ao menos na América do Sul, é uma potência do futebol feminino. E os órgãos que devem regulamentar, apoiar e subsidiar este esporte no país estão trabalhando, mesmo que lentamente, em prol de seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as pesquisas acerca da história e da estrutura do futebol feminino no Brasil e em alguns aspectos mundiais, bem como a questão da inserção da mulher nesta prática esportiva, obtivemos resultados surpreendentes.

O Brasil, por mais que isto seja desconhecido, apresenta campeonatos femininos em quase todo o país. É um total de 26 estados, mais o Distrito Federal, dos quais 17 têm campeonatos femininos devidamente regulamentados em suas Federações, que mostra sim uma certa organização, ou pelo menos o início dela.

Também observamos que oficialmente a história do futebol feminino não é muito longa, se tomarmos por base o início dos campeonatos da FIFA, CONMEBOL, CBF e Olimpíadas, e que quando se fala em futebol feminino é notório que no Brasil ele ainda não tomou a proporção que o masculino, por exemplo, tem, mas por outro lado, nosso país apresenta ótimos resultados ao longo dessa história, se realmente considerarmos que nossa estrutura é ínfima perto de países mais desenvolvidos ou mesmo se compararmos ao masculino.

Portanto, concluímos que, como disse Michelle Akers, se tivermos mais praticantes, nossas futuras gerações serão melhores e essa melhora é a única maneira de chamarmos a atenção para o futebol feminino e conseguir um maior suporte ao seu desenvolvimento no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTO rendimento. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/>>. Acesso em 12 out. 2010.

COMPETICIONES. Disponível em: <<http://www.conmebol.com>>. Acesso em 12 out. 2010.

COMPETIÇÕES. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br>>. Acesso em 1 out. 2010.

COMPETIÇÕES. Disponível em: <<http://www.futebolpaulista.com.br/>>. Acesso em 7 set. 2010.

CONFEDERAÇÃO brasileira de futebol. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/>>. Acesso em: 24 fev. 2010.

DARIDO, C.D. Futebol feminino no Brasil: Do seu início à prática pedagógica. *Universidade Paulista*. <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n2/Darido.pdf>>. Acesso em 24 fev. 2010.

ESTATUTO de la conmebol. Disponível em: <<http://www.conmebol.com/>>. Acesso em: 24 fev. 2010.

FEDERAÇÕES. Disponível em:<<http://www.cbf.com.br/>>. Acesso em: 24 fev. 2010.

FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; SOUSA, D. A.; MOREIRA, N. C. L.; ZEFERINO, J. C. Preconceito de gênero: a visão das atletas de futsal feminino. *Pesquisa em Educação Física*, Jundiaí, v. 9, n. 2, p. 223-230, 2010.

FIFA estatutes. Disponível em: <<http://www.fifa.com/>>. Acesso em 24 fev. 2010.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, jul./dec. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 24 fev. 2010.

FÚTBOL feminino. Disponível em: <<http://www.conmebol.com/>>. Acesso em 7 set. 2010.

GOELLNER, S.V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <www.revistasusp.sibi.usp.br>. Acesso em 24 fev. 2010.

KIRKENDAL, D.; GARRET, W. E. JR.; ET AL. *A ciência do exercício e dos esportes*. Porto Alegre: Artmed, 2003. 911p.

KIRKENDAL, D. O futebol feminino. In: BARROS, T.L.; GUERRA, I. *Ciência do Futebol*, 2004, p. 221 – 239.

MOREL. M.; SALLES, J. C. C. Futebol feminino. *Atlas do esporte no Brasil*. Disponível em: <www.atlasesportebrasil.org.br>. Acesso em: 24 fev. 2010.

O MINISTÉRIO. Disponível em:<<http://www.esporte.gov.br/>>. Acesso em 12 out. 2010.

RADNEDGE, K. *Recordes do futebol mundial*. São Paulo: Martin Corteel, 2009. 256p.

REGULAMENTO geral das competições, 2010. Disponível em:<<http://www.cbf.com.br/>>. Acesso em 1 out. 2010, p.1-2.

REGULAMENTO geral dos jogos da juventude 2004. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/>>. Aceso em 1 out. 2010.

REGULAMENTO geral dos jogos desportivos do CLP. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/snear/jogosclp/>>. Acesso em 1 out. 2010.

REGULATIONS fifa under-17 women’s world cup. Disponível em:<<http://www.fifa.com/>>. Acesso em 4 set. 2010.

REGULATIONS fifa under-20 women’s world cup. Disponível em: <<http://www.fifa.com/>>. Acesso em 28 ago. 2010.

REPORTS and statistics. Disponível em: <<http://www.fifa.com/>>. Acesso em 4 set. 2010.

RIBEIRO, L. M.; MARQUES, M. F.; FERREIRA, V. C.; VENDITE, C. C. “Marias” de chuteira, tênis, maio. *Pesquisa em Educação Física*, Jundiaí, v. 9, n. 5, p. 7-14, 2010.

SOBRE a secretaria. Disponível em: <<http://www.selt.sp.gov.br/>>. Acesso em 12 out. 2010.

TORNEIOS. Disponível em: <<http://www.fifa.com/>>. Acesso em 4 set. 2010.

VASQUES, R. B.; GÓES, J. M. F.; BRANDÃO, M. V. M. A.; OLIVEIRA FILHO, A. C.; FERREIRA, A. A. A carreira no futebol feminino no município do Rio de Janeiro – sucessos e fracassos. *Pesquisa em Educação Física*, Jundiaí, v. 9, n. 2, p; 15-22, 2010.